

Texto preservdo-v1.

Saúdo a todos em nome do Soberano Criador dos céus e a terra, o Senhor Jesus Cristo. Antes de apresentar as evidências, entendo por bem tratar alguns assuntos preliminares.

Em qualquer discussão envolvendo a interpretação da evidência, três coisas precisam ser claramente distinguidas: evidência, interpretação e pressuposição. A verdadeira evidência, a realidade objetiva, tem de ser a mesma para todos. No entanto, a interpretação que diferentes pessoas dão a essa evidência pode variar consideravelmente. Essas diferentes interpretações derivam dos diferentes conjuntos de pressuposições. Como é impossível trabalhar sem pressuposições, ninguém deveria ser criticado por tê-las. Dito isto, no entanto, uma vez que a pressuposição controla, ou pelo menos influencia fortemente, a interpretação, qualquer participante honesto em uma discussão de evidência deve entender suas próprias pressuposições e declará-las aberta e claramente. O omitir de declarar as pressuposições da pessoa é desonesto e repreensível. É simplesmente perverso alguém que não declara as suas pressuposições e critica a outra pessoa que o faz; é uma postura desprezível. Toda e qualquer discussão envolvendo a interpretação da evidência deve começar com uma declaração de pressuposições. Nesse ponto, uma questão se apresenta: os pressupostos podem ser avaliados? Caso que sim, como? Eu ofereço a seguinte tentativa para começar.

A questão fundamental que governa a existência humana em nosso planeta é a questão da autoridade: quem tem, se tem, e sob que condições. A competição entre cosmovisões (ideologias, religiões, filosofias da vida), no mercado do mundo, remonta a essa questão. Estou ciente de que poucas pessoas se preocupam com a causa primordial, contentando-se em viver suas vidas da maneira como sua cultura dita – talvez ‘contentando-se’ não seja a melhor palavra aqui; eles não têm tempo e oportunidade para bolar alternativas. Mas o que acontece quando um agente de mudança aparece? O agente de mudança está promovendo uma visão de mundo alternativa; ele está desafiando a cultura. Mesmo que a questão da autoridade não seja explicitamente declarada, ela se esconde em segundo plano. Eu submeto à devida consideração que o fator mais básico é a existência (ou não) de um Soberano Criador. Se esse Criador existe, então Ele terá autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Onde mais de um candidato é apresentado, a escolha correta deve depender das evidências. No mundo de hoje, é comum se negar a existência de qualquer Criador. A existência do universo que nos cerca é atribuída a processos evolutivos.

Todo experimento científico, e conhecimento humano verdadeiro se baseia no princípio de causa e efeito – observamos um efeito e procuramos isolar a causa.

Como corolário lógico, a causa tem de ser igual a, ou maior que o efeito, caso contrário não seria capaz de produzi-lo. Qualquer ser humano, que seja tanto honesto como inteligente, confrontado pelo universo observável, com sua organização e complexidade incríveis, é obrigado a concluir que deve existir uma CAUSA, de inteligência e poder além de incríveis – negar-se a fazê-lo é ser perverso. Já que nós temos personalidade, Ele também deve tê-la.

A única alternativa a uma CAUSA seria o acaso trabalhando com nada. Mas o nada mais o acaso nunca seriam capazes de produzir qualquer coisa. $10 \times 0 = 0$; $1.000 \times 0 = 0$; $1.000.000 \times 0 = 0$, e assim por diante. Não importa quantas vezes você multiplicar zero, o resultado será sempre zero. Se multiplicar zero por alguma coisa cada dia durante cinco bilhões (ou trilhões) de anos, o resultado sempre será exatamente zero! Que o nada mais o acaso tenham produzido o universo é estupidamente, ridiculamente impossível! Mesmo se alguém começar com a superstição de um 'big bang' de material inorgânico (sem vida), de onde veio a vida? (Isso deixando de lado a questão da origem de todo esse material inorgânico.)

A ciência da física nos informa que o universo inteiro conhecido, levando em conta unicamente a parte inorgânica (que não faz parte de um sistema vivo), pode ser descrito com até 350 'bits' de informação. Para descrever a menor partícula de proteína (tão pequena que não pode viver sozinha, mas que faz parte de um organismo vivo), é necessário em torno de 1.500 'bits' de informação (a bactéria 'e-coli' uns 7 milhões, e uma célula humana uns 20 bilhões!). Aonde, pois, poderia o nada mais o acaso encontrar 1.150 'bits' de informação nova (para produzir a proteína mais simples), se no universo inteiro só tinha 350? A teoria da evolução, para explicar a origem da vida, é estupidamente, ridiculamente impossível!

A ciência da genética, com seus projetos de genoma, já descobriu que uma mudança aleatória de apenas 3 nucleotídeos é fatal para o organismo. A diferença genética entre um ser humano e um chimpanzé (que seria seu 'parente' mais próximo) gira em torno de 1,6% – pode não parecer muito, mas representa uma diferença de uns 48 milhões de nucleotídeos. Já que uma mudança ao acaso de apenas 3 nucleotídeos mata o animal, e um animal morto não pode reproduzir, é simplesmente impossível um chimpanzé evoluir até se tornar homem (uns 15 milhões de chimpanzés morreriam na tentativa! – mas nunca progredindo além dos primeiros três nucleotídeos). Cada tipo diferente de animal tinha de ser criado separadamente, assim como Gênesis afirma. A teoria da evolução, para explicar os tipos diferentes de animal (para nem se comentar

pássaros, insetos, peixes, plantas, etc.), é estupidamente, ridiculamente impossível!

A 'coluna geológica' é uma ficção. Na Austrália existem troncos de árvores fossilizados, em pé, atravessando várias camadas de pedra sedimentária, que segundo a 'coluna geológica' representariam muitos milhões de anos) – estupidamente, ridiculamente impossível! Nos EUA existe chapada (cerro) com camada de pedra mais antiga em cima de camada mais nova (segundo a 'coluna'), mas de uma área tão grande que não existe força conhecida capaz de vencer a fricção causada pela tentativa de fazer uma camada deslizar por cima da outra (o argumento que se usa) – outra coisa impossível para a 'coluna'.

A uns 100 km ao sudoeste de Dallas, Texas, existe uma pequena cidade chamada Glen Rose, que fica perto das margens do riacho Paluxy. Lá tem o parque estadual do dinossauro, porque no leito do riacho têm pegadas de dois tipos de dinossauro: de três dedos e de quatro dedos. Riacho acima do parque, um paleontólogo chamado Carl Baugh comprou bastante terreno pelas margens do riacho, para poder fazer suas próprias escavações. Lá ele tem um museu que eu mesmo já visitei. Na **mesma camada** de pedra sedimentária, ele encontrou os fósseis de dois trilobites, que os evolucionistas dizem ter existido a 550 milhões de anos; um musgo fossilizado chamado 'lapidodendron', que os evolucionistas dizem ter existido a 250 milhões de anos; o fóssil inteiro de um dinossauro chamado 'acrocantasauro' (com dez metros de comprimento), que os evolucionistas dizem ter existido a 100 milhões de anos; sete pegadas de um 'gato' enorme, que os evolucionistas dizem ter existido a 6 milhões de anos; 57 pegadas de ser humano (algumas dentro de pegada de dinossauro); o quarto dedo da mão esquerda de uma mulher, fossilizado; e ainda um martelo de ferro pré-diluviano (cujo ferro não enferruja, sendo 96,6% ferro e 2,7% cloro) – **tudo na mesmíssima camada de pedra sedimentária!** Segue-se que a 'coluna geológica' não existe; foi uma invenção perversa bolada por pessoas desonestas e perversas. Todos esses fósseis foram criados pelo Dilúvio de Noé, há uns 4.365 anos; caso contrário, como explicar que todas essas coisas estão na mesma camada? [De passagem, é muito comum os defensores da 'coluna' argumentar em círculo: a idade de uma camada é determinada pelos fósseis que ela contém, ao passo que a idade de um fóssil é determinada pela camada em que se encontra!]

Depois, a terra é jovem. No observatório real na Inglaterra, eles veem medindo a força do campo magnético que envolve a terra cada ano, desde 1839. Constataram que essa força vem diminuindo num ritmo constante e previsível – locando os valores, ano por ano, num gráfico, eles caem numa linha reta em

declive. Com isso é possível projetar a linha para cima e para baixo. Projetando para trás, há 10.000 anos a força iria esmagar a vida na terra. Segue-se que uma teoria que exige milhões, ou bilhões de anos é estupidamente, ridiculamente impossível.

O rio Mississippi nos EUA despeja 80.000 toneladas de sedimento no golfo do México cada hora! É só medir a delta para saber que a terra é jovem. O diâmetro do sol está diminuindo mais de um metro por hora. Projetando para trás, há 100.000 anos o sol teria o dobro do tamanho atual – iria assar tudo na superfície da terra; não haveria vida. Os evolucionistas querem que o granito tenha levado 300 milhões de anos para cristalizar, mas dentro do granito existem auréolas de polônio com meias-vidas de minutos e até segundos. O granito foi criado instantaneamente. As plantas e insetos **simbiontes** são impossíveis para a evolução – tiveram de ser criados ao mesmo tempo. E assim por diante.

Conclusão: a evolução é cientificamente impossível; é estupidamente, ridiculamente impossível. Há várias décadas o erudito Sir Frederick Hoyle foi contratado para avaliar a probabilidade científica de a vida ter aparecido no planeta por acaso (com dinheiro a contento e acesso às bibliotecas). A conclusão dele foi esta: seria mais fácil um ciclone passar por um campo de sucata e sair um Boeing 747 perfeito voando do outro lado do que a vida aparecer no planeta por acaso. Ora, ora, ora, a origem da vida por evolução é obviamente, estupidamente, ridiculamente impossível!! [Em tempo, questionamentos quanto à bondade do Criador não são de cunho científico.]

Portanto, uma Causa deve existir e essa Causa deve ser incrivelmente inteligente e poderosa. Essa Causa também deve ter personalidade, já que Ele criou seres com personalidade. O termo costumeiro usado para essa Causa é "Deus", mas usarei o Soberano Criador. No mercado do mundo, não faltam ideias diferentes sobre "Deus". Gênesis 1:27 nos informa que “Deus criou o homem à sua própria imagem” e, desde então, o homem tem tentado devolver o favor! Eu me pergunto se as pessoas entendem que qualquer deus que elas criarem será menor do que elas são.

Já que existe um Soberano Criador, Ele detém autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Mas por quais meios pode a autoridade ser exercida? Ela pode ser exercida por decreto, por intervenção soberana, mas fazer isso com seres criados à imagem de Deus os transformaria em robôs, o que seria contraditório ao propósito de criar esses seres. Como o Soberano disse à mulher samaritana, enquanto Ele andava nesta terra: “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”

(João 4. 23-24). Se o Pai está procurando adoração espontânea, ou pelo menos voluntária, então isso não pode ser coagido ou forçado. Mas como pode o homem saber o que o Soberano Criador quer? Tem de haver comunicação. Mas que forma poderia essa comunicação tomar? Para comunicar conceitos, Ele teria que usar a linguagem humana. Sendo que qualquer idioma humano obedece a regras – fonológicas, gramaticais, semânticas – o Criador teria de se limitar ao conjunto de possibilidades oferecido pelo idioma escolhido.

Se o Criador se preocupasse apenas em transmitir informações a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado momento, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente, falando diretamente ou através de um representante. Mas se o propósito do Criador era de fornecer orientação que também fosse válida para as gerações subseqüentes, a forma apropriada seria por escrito. Considere 1 Crônicas 16.15, “a palavra que prescreveu para mil gerações”. Bem, como mal houve 300 gerações desde Adão, então a revelação escrita do Criador estará em vigor até o fim do mundo. No entanto, para estar em vigor até o final, ela deve ser mantida disponível até o final, mas estou me adiantando.

Se o Soberano Criador existe, e se Ele dirigiu uma Revelação escrita para nossa raça, então nada é mais importante para nós do que saber o que Ele disse (com a intenção de obedecê-lo, se formos espertos). Isso porque tal revelação terá autoridade objetiva sobre nós (embora o Criador nos dê a opção de rejeitar essa autoridade [mas a devida consideração deve ser dada às consequências]). [De passagem, o inimigo sempre entendeu isso melhor do que quase todos nós, e ele começou seus ataques bem no início – “É verdade que Deus disse, . . . ?” (Gênesis 3.1).] Agora, autoridade objetiva depende de significado verificável; se um leitor / ouvinte pode dar qualquer significado que escolher para uma mensagem, qualquer autoridade que ela tenha para ele acaba sendo relativa e subjetiva (a abordagem ‘neo-ortodoxa’).

Como linguista (PhD), afirmo que o princípio fundamental da comunicação é o seguinte: tanto o falante / escritor quanto o ouvinte / leitor devem respeitar as normas da linguagem, em particular aquelas do código específico que é usado. Se o codificador violar as regras, ele estará enganando o decodificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Se o decodificador violar as regras, ele irá deturpar a comunicação do codificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Em qualquer caso, a comunicação fica prejudicada; a extensão do prejuízo dependerá das circunstâncias.

Várias vezes o Senhor Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da Verdade”, e Tito 1.2 afirma que Deus não pode mentir – é uma coisa que Ele não pode fazer, sendo contrária à Sua essência; “Ele não pode negar-se a si mesmo”

(2 Timóteo 2.13). Deveria ser óbvio para todos que o Soberano não aceitará ser chamado de mentiroso. Interpretar o Texto Sagrado de forma não fiel às regras do hebraico e do grego, respectivamente, é atribuir ao Autor divino a intenção de nos enganar, é chamá-lo de mentiroso – não convém. Mas, para interpretar o Texto, devemos tê-lo, e vou abordar o assunto da preservação daqui a pouco.

Mas primeiro, como podemos saber se Ele realmente dirigiu, ou não, uma revelação escrita para nós? E se Ele o fez, como podemos identificá-la? Partindo do ponto de vista que o Soberano Criador decidiu fornecer orientação para nossa raça, Ele saberia que Ele teria que torná-la reconhecível pelo que era, e as evidências precisariam permanecer disponíveis para as gerações seguintes. Mas como podemos saber que meios Ele usaria para tornar Sua revelação reconhecível? Podemos saber olhando para o que Ele fez, e ir voltando, vendo como as coisas eram. Neste ponto, eu preciso ir direto para as minhas conclusões, com base nas evidências e, em seguida, retroceder pelas etapas para verificar se a minha conclusão permanece válida. Eu aqui declaro as pressuposições que eu trago para minha tarefa: 1) o Soberano Criador existe; 2) Ele endereçou uma Revelação escrita para nossa raça; 3) Ele a preservou intacta até os dias atuais de tal forma que podemos saber qual é (tanto o conteúdo como a redação), baseado em critérios objetivos.